

COTIDIANOS FRONTEIRIÇOS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS LUGARES

Cotidianos Fronterizos: Una Reflexión a Partir de los Lugares

Luiz Felipe RODRIGUES*
Dalila Tavares GARCIA**

Resumo: Este artigo busca discutir a reprodução da fronteira a partir de interações cotidianas de moradores e trabalhadores das cidades de Foz do Iguazu – Brasil, *Ciudad del Este* – Paraguai e *Puerto Iguazú* – Argentina. A partir de observações e dados coletados em trabalho de campo, tratamos de mostrar a fronteira por meio de outros espaços, narrativas e imagens, propondo uma reflexão da fronteira a partir dos lugares do viver.

Palavras-chave: Fronteira, Cotidiano, Lugar.

Resumen: Este artículo busca discutir la reproducción de la frontera a partir de interacciones cotidianas de moradores y trabajadores de las ciudades de *Foz do Iguazu* – Brasil, *Ciudad del Este* – Paraguay y *Puerto Iguazú* – Argentina. A partir de observaciones y datos colectados en trabajo de campo, tratamos de mostrar la frontera por medio de otros espacios, narrativas e imágenes, proponiendo una reflexión de la frontera a partir de los lugares del vivir.

Palabras clave: Frontera, Cotidiano, Lugar.

Introdução

O presente estudo busca analisar a reprodução da fronteira nas cidades de *Ciudad del Este* (Paraguai), Foz do Iguazu (Brasil) e *Puerto Iguazú* (Argentina) a partir de interações cotidianas que envolvem as trajetórias de vida de alguns moradores fronteiriços. Juntas, essas cidades mantêm relações de interdependência e complementaridade, onde coexistem elementos de integração e a desintegração, constituindo um aglomerado urbano transfronteiriço, que é um aglomerado urbano que se distribui sobre o limite internacional ocupando o território de dois ou mais países (CARNEIRO, 2016).

Algumas das interações que explicitaremos fazem parte do cotidiano dos bairros e das áreas periféricas

* Graduado em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: luiz.felipe.r@outlook.com

** Graduada em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: dalila.tavares@hotmail.com

dessas cidades, espaços pouco tratados nos estudos que discutem a fronteira. Acreditamos que esses outros espaços e seus cotidianos nos fornecem uma riqueza de detalhes para apreender o processo de transfronteirização nessas cidades. Com base em Ligrone (2006), Carneiro (2016) coloca que o processo de transfronteirização ocorre a partir de um conjunto de interações onde os habitantes de ambos os lados de uma fronteira transcendem os limites impostos ou herdados, incorporando a fronteira em suas práticas cotidianas de diversas maneiras.

Buscaremos entender esse processo a partir de observações e relatos coletados em trabalhos de campo, realizados em diferentes ocasiões, para explicitar algumas das interações socioespaciais nas cidades de fronteira aqui tratadas. Ao expormos os relatos dos moradores, adotaremos nomes fictícios para identificá-los e manter o anonimato. Também faremos uso de nossa própria experiência enquanto moradores da fronteira, pois moramos na cidade de Foz do Iguaçu por cinco anos, o que nos confere uma observação participante, pois estávamos inseridos na comunidade investigada, o que Marconi e Lakatos (2003) consideram como uma observação participante natural. Assim, salientamos que o trabalho de campo é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois:

Num mundo saturado de informação, mas também de estereótipos, preconceitos e reducionismos midiá-

ticos ou acadêmicos postos como verdades, as atividades de campo – se pensadas como ferramentas éticas e políticas – permitem enfrentar o que está naturalizado pelas geopolíticas do conhecimento, ampliando horizontes conceituais e epistemológicos. (NAME, 2017, p. 16-17).

Na fronteira, o contato com o Outro, com o estranho, com o estrangeiro, torna-se parte do cotidiano dos moradores, conferindo interações complexas. Essas situações interativas fazem da fronteira uma zona de contato (MOURA e CARDOSO, 2016). Pretendemos discutir a reprodução da fronteira enquanto um espaço percebido, sentido e vivido a partir dessas relações nos lugares.

Lugar e cotidiano na fronteira

De acordo com Souza (2013), lugar se refere ao espaço percebido, vivido e dotado de significação. Nesse processo, a experiência e a imaginação humanas se apropriam das características físico-materiais de determinados espaços, criando orientações subjetivas a partir de suas vivências, e assim, produzindo sentidos e imagens de lugar. De acordo com o autor:

Para além da óbvia dependência humana do espaço enquanto materialidade (substrato), e também para além da necessidade de constituição de territórios, há uma visceral necessidade psicológica de “lugarização”, de tornar familiares e dotar de significado e carga afetiva as porções do espaço com as quais mais interagimos (SOUZA, 2013, p. 124).

Desse modo, o conceito de lugar traz em primeiro plano uma dimensão cultural simbólica que envolve processos identitários e subjetivos, porém, isso não exclui suas dimensões políticas e de poder, uma vez que os lugares, na maioria das vezes, também são territórios, pois a interação entre as identidades sócio-espaciais se dão por meio de relações de poder especializadas, e assim, a partir dos lugares, podem surgir, por exemplo, territorialidades alternativas àquelas planejadas por órgãos governamentais (SOUZA, 2013, p. 115-122).

Nesse sentido, propomos pensar a (re)produção do espaço de fronteira por meio dos lugares. De acordo com Silva (2008, p. 219), “O estudo do espaço convertido em um lugar humanizado e pleno de conteúdo da ação e da vivência das pessoas conduz a que esse espaço seja carregado de significados e adquira, portanto, um sentido de lugar”. Segundo Carlos (2014, p. 53), a reprodução do espaço é um aspecto da reprodução da vida, pois as práticas sociais se realizam espacialmente, e nesse processo, um se realiza no e por meio do outro. As práticas sociais no espaço de fronteira são dotadas de singularidade, uma vez que, os sujeitos estão em constante relação com o outro lado da fronteira: outro país, outras línguas, outros comportamentos, outra cultura, outras leis, outras moedas, outros produtos, e outras coisas mais.

Dessas interações se desprendem conteúdos que são apropriados pelos sujeitos, e na fronteira podemos perceber isso a partir da mistura de línguas, das trocas culinárias, dos costumes, das interações comerciais, das músicas que são ouvidas em ambos os lados e outras coisas que conferem um universo de múltiplas trocas e apropriações. Essa multiplicidade tende a produzir um espaço múltiplo, onde as interações amistosas e conflituosas coexistem. Assim, a espacialidade das relações sociais pode ser compreendida através da abordagem da vida cotidiana inserida nos múltiplos processos que reproduzem o espaço e as relações sociais em seus mais variados sentidos e expressões (CARLOS, 2014, p. 64). Com isso, compreendemos que:

A reprodução do espaço enquanto produto social é produto histórico e, ao mesmo tempo, realidade presente e imediata. Esta se realiza no cotidiano social e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar, num momento específico – revelando a dimensão do lugar como espaço-tempo da prática sócio-espacial. (CARLOS, 2014, p. 68).

As práticas sociais se realizam no plano do lugar, mas não excluem outras escalas, e desse modo, a vida humana se realiza nos atos do cotidiano, através das possibilidades de uso e apropriação dos espaços-tempos (CARLOS, 2014, p. 64). A fronteira é apropriada e reproduzida implicitamente a partir das mais variadas interações. Aqui, nos limitaremos a falar de três delas: interações simbólico-culturais, interações de trabalho e interações de vizinhança, utilizando como exemplo, relatos de moradores, observações, e experiências vividas nas cidades da Tríplice Fronteira. Ao discutirmos essas interações, perceberemos que todas estão interrelacionadas, e sendo assim, não é possível entendê-las isoladamente.

Interações simbólico-culturais na fronteira

Na Tríplice Fronteira, o encontro de Argentina, Brasil e Paraguai faz com que se produzam interações de diferentes idiomas, músicas, costumes, comportamentos, moedas, comidas e uma variedade de outras coisas. A Tríplice Fronteira também atrai turistas de outras regiões do Brasil e de outros países para visitarem os atrativos locais, como as Cataratas do Iguaçu entre Brasil e Argentina, a Usina Hidrelétrica de Itaipu entre Brasil e Paraguai, o comércio de importados em *Ciudad del Este* no Paraguai e os atrativos gastronômicos de *Puerto Iguazú* na Argentina. Essas cidades também abrigam comunidades de imigrantes, onde se destacam os de países árabes do Oriente Médio e os chineses. Foz do Iguaçu conta com um templo budista e com uma mesquita, local onde se cultua a religião islâmica, tendo uma também em *Ciudad del Este*.

Ao andar nas ruas de Foz do Iguaçu, podemos encontrar mulheres vestidas com burcas que cobrem o corpo todo, e também com burcas que cobrem apenas o cabelo e parte do rosto e pescoço. Também é possível sentir o cheiro de *shawarma*, um lanche “árabe” feito com um pão de espessura fina, recheado com carne de gado ou frango com um tempero especial, tomate, batata frita, alface, e acompanhado de molho de alho. Os recheios variam por estabelecimento. Certamente a preparação de *shawarma* em alguns desses locais já incorporaram um toque brasileiro. As donas e donos de alguns estabelecimentos que vendem o lanche “árabe” são brasileiros e incorporaram o *shawarma* para criarem seus negócios e garantirem o seu sustento.

Escutam-se pessoas conversando em árabe, espanhol, guarani. E também turistas falando em inglês, em alemão, em coreano. Lembro que uma vez eu estava na rodoviária de Foz do Iguaçu pedindo um sanduíche na “*Subway*”, uma franquia de lojas que vendem sanduíches que são montados de acordo com a escolha de ingredientes de cada cliente, e ao meu lado chegou uma turista coreana ou chinesa, enfim, não soube distinguir, e ao pedir o seu lanche, a comunicação se tornou difícil. Ela tentava falar o inglês, mas as atendentes não entendiam. Tentei intervir com o meu péssimo inglês, apontando com o dedo nos desenhos dos ingredientes no cardápio para ajudá-la. Em um momento tentei traduzir “queijo prato”, e acabei dizendo “*cheese plate*” para ela, e depois ao pesquisar, vi que a minha explicação não fazia sentido na língua estrangeira. Ao final, ela conseguiu pedir o seu lanche, ainda que com dificuldades.

Nas ruas de Foz, trabalham várias vendedoras e vendedores ambulantes, e um número considerável desses trabalhadores se deslocam do Paraguai para venderem suas mercadorias no lado brasileiro. Entre os produtos vendidos, está o alho, a chipa, erva para tereré, amendoim, frutas, roupas, entre outros (RODRIGUES, 2016, p. 78-79). O fato de estarem vestidos com uma camisa de um time paraguaio, oferecerem seus produtos com um sotaque diferente misturando o português e espanhol, ou vendendo uma erva para tereré produzida no Paraguai ou a chipa que é um alimento tradicional da cultura paraguaia, faz com que as pessoas que os veem, os notam, conversam ou compram seus produtos lembrem que o Paraguai está presente ali, assim como a fronteira. Certamente, em muitos casos, as presenças dessas vendedoras e vendedores torna-se algo banal, ou simplesmente seja ignorada.

Ciudad del Este no Paraguai, por contar com um comércio variado, recebe muitos turistas, na maioria brasileiros, em busca de produtos mais baratos, entre eles eletrônicos, mantas e cobertores, alimentos importados, perfumes e cosméticos, etc. Ao andarmos na área comercial da cidade, percebemos que sons do grande movimento de veículos e pessoas e o cheiro de churrasquinho de rua com o cheiro

dos perfumes importados vendidos em algumas lojas se misturam. Entre grandes shoppings, lojas variadas, vendedoras e vendedores ambulantes e camelôs, é oferecido uma série de coisas para as pessoas que por ali passam: “*Pen drive* amigo? Calcinha amiga? O que procura amigo? Cinco meias por dez? Por cinco?” A maioria dos trabalhadores ali, mesmo sendo paraguaios, incorporaram o português em seu cotidiano, seja por estarem ao lado do Brasil e atenderem clientes brasileiros, como também por comprarem mercadorias no país vizinho, assistirem canais de televisão brasileiros, ou ouvirem músicas em português como o sertanejo e o funk como percebemos nas ruas. Mas isso não nos impediu o encontro com paraguaias e paraguaios falando em guarani, ou de entrarmos em um estabelecimento e se deparar com uma chinesa falando no telefone em mandarim, e comprar um suco de *aloe vera* (babosa) fabricado em Taiwan ou na Coreia do Sul ou uma bala de feijão produzida na China confundindo com balas de iogurte pela cor rosa da embalagem.

Ao ir a *Puerto Iguazú* na Argentina, podemos comprar alfajores, vinhos, queijos, azeitonas, azeites de oliva e salames argentinos, e também comer empanadas e tomar uma cerveja argentina em uma feirinha que tem lá. Podemos encontrar algumas vezes vendedoras e vendedores ambulantes indígenas vendendo seus artesanatos em um canto das ruas. Uma vez encontramos uma indígena com um cocar de penas, vendendo tapetes e bolsas artesanais (imagem 1). Nem argentinos, nem paraguaios, e nem brasileiros, mas sim indígenas, e seus territórios transcendem os limites nacionais.

Imagem 1. Vendedora ambulante indígena em *Puerto Iguazú* (Argentina)



Fonte: Registro nosso, 2016.

Poderíamos explicitar aqui uma variedade de situações para demonstrar a complexidade de encontros com a multiplicidade no cotidiano dessas cidades fronteiriças. Multiplicidade que muitas vezes atravessa as nacionalidades que pretendem ser fixas e homogêneas, e nesse sentido, compreendemos que:

As identidades são pensadas a partir das diferenças. A relação tensa entre identidade e alteridade permite a compreensão da identificação nacional como algo relacional, situacional, móvel e instável. Não existem identidades fixas, consolidadas, essenciais e eternamente dadas. As identidades nacionais, étnicas, regionais e locais são reelaboradas, redefinidas, contestadas e contrastadas com outras identidades a partir dos confrontos políticos, econômicos, culturais e simbólicos do tempo presente (ALBUQUERQUE, 2010, p. 235).

Os encontros com coisas e pessoas diferentes, de outros lugares, tornam-se uma viagem cotidiana, banal, e muitas vezes, um desejo, um gozo e um fetiche de ver e consumir o que é diferente. Mas também alimentam, em muitos casos, conflitos, intolerância, preconceitos, isolamentos, marginalidade e estereótipos, uma vez que essas interações estão permeadas de relações de poder que são históricas e envolvem questões de classe, gênero, raça, etnia, nacionalidade, etc. Nesse sentido:

As fronteiras são fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Elas representam espaços de poder e de conflitos variados. Há uma disputa e confluência de nacionalidades nesse espaço social singular [...] (ALBUQUERQUE, 2010, p. 235).

Mas por que explicitamos todas essas situações? Porque a partir delas é possível ter uma noção da complexidade das interações socioespaciais que envolvem dimensões simbólico-culturais nas cidades de fronteira. Conforme Oliveira, nas regiões de fronteira, temos exemplos privilegiados de interação intercultural e interétnica, pois:

As regiões de fronteira, em maior ou menor grau, abrigam sistemas de interação entre nacionalidades e etnias extremamente variadas, e não apenas indígenas, [...] mas também entre contingentes populacionais massivamente representados por imigrantes de diferentes nacionalidades (OLIVEIRA, 2006, p. 107).

Os múltiplos elementos que produzem o universo simbólico-cultural na fronteira se incorporam nas práticas socioespaciais e no cotidiano, tornando-se familiares e dotados de significado para os sujeitos. Nesse sentido, a fronteira para os sujeitos que a vivenciam, é reconhecida cotidianamente pelos sons, cheiros, mercadorias, sabores, imagens e códigos que são apreendidos e vivenciados pelos sujeitos em suas mais variadas interações socioespaciais transfronteiriças.

Trabalhos transfronteiriços

Na fronteira, surgem vários tipos de trabalhos que a utilizam como estratégia. Várias são as possibilidades, e muitas delas, se dão em redes sócio-laborais complexas. Alguns compram determinados produtos de um lado para vender no outro de acordo com a disponibilidade desses produtos e também com a diferença entre os câmbios monetários. Há pessoas que trabalham com o câmbio de dinheiro. Outras transportam as pessoas e mercadorias que estão indo e vindo para fazer compras ou trabalhar do outro lado: taxistas, moto táxis, canoeiros, ou motoristas de “piruas” (vans comuns no Paraguai). Certamente, existem casos em que são transportadas coisas ilícitas, mas não são todos. Muitas vezes, em meio ao desemprego e à necessidade, essas atividades que se aproveitam do que a fronteira tem a oferecer, são as que possibilitam o sustento e sobrevivência de muitas famílias.

Garcia (2016) analisa as interações de fronteira através das práticas de donas e donos de *almacenes* (pequenos comércios familiares de bairro parecidos com mercearias) em *Ciudad del Este* no Paraguai. No trabalho, a autora pode constatar que essas pessoas atravessam regularmente aos países vizinhos para comprar mercadorias e vendê-las em seus comércios, e essa prática possibilita maior diversidade de produtos e maior lucro, uma vez que, se aproveita da diferença de preços dos produtos em cada país, e também, da diferença de câmbios (GARCIA, 2016, p. 26-27). Esses estabelecimentos, geralmente, são extensões das casas, e a maioria são cuidados por mulheres, que ao mesmo tempo, desempenham tarefas de donas de casa. A maior parte da clientela dos *almacenes* é composta pelos vizinhos, e nesse sentido, há uma relação dialética entre comércio e relações de vizinhança. (GARCIA, 2016, p. 25-26).

Rodrigues (2016) pôde constatar a presença de várias/os vendedoras e vendedores ambulantes paraguaias e paraguaios na cidade de Foz do Iguaçu no Brasil (imagem 2). No cotidiano, muitos desses trabalhadores almoçam, convivem em família, tomam tereré e fazem amizades nos locais onde trabalham (RODRIGUES, 2016, p. 94). Em alguns casos, esses trabalhos juntamente com os lugares de trabalho, passam de geração a geração, e acabam sendo dotados de memórias e significados. Alguns desses trabalhadores começaram a acompanhar e a ajudar desde crianças seus pais em seus trabalhos, e quando adultos, continuaram a exercer as mesmas atividades, e às vezes, nos mesmos lugares (RODRIGUES, 2016). Francisca, uma vendedora ambulante paraguaia que entrevistei durante a pesquisa de meu trabalho de conclusão de curso de graduação, vende seus produtos em Foz do Iguaçu em uma mesinha colocada em uma calçada do centro da cidade, e relatou que começou a trabalhar com a sua mãe desde os sete anos de idade no mesmo lugar em que costuma trabalhar atualmente (RODRIGUES, 2016, p. 93).

Imagem 2. Vendedor ambulante paraguaio no centro de Foz do Iguaçu

Fonte: Registro nosso, 2016.

Nesse sentido os sujeitos mantêm vínculos com o trabalho e com o espaço onde o realizam, que nos casos explicitados, são lugares em situação de fronteira. Assim, a fronteira ganha sentido de lugar, pois compõe a trajetória de vida desses trabalhadores: seja pela memória e significado familiar ou pelas diversas sociabilidades e elementos simbólicos que se desprendem a partir desses lugares onde realizam suas práticas.

Bairros e relações de vizinhança em uma cidade de fronteira

Conforme Souza (2013, p. 151), a evolução do conceito de bairro convoca as noções de espaço vivido e identidade sócio-espacial¹. Já a vizinhança para Souza, é uma unidade menor que o bairro, e pode estar composta em um quarteirão, em uma rua, em um prédio, ou condomínio fechado (SOUZA, 2013, p. 156). As redes de relações de vizinhança nos bairros se dão por meio das práticas laborais, comerciais,

¹ O autor difere os termos socioespacial e sócio-espacial, onde socioespacial, sem hífen, indica que “o “social” meramente qualifica o espacial”, e o sócio-espacial significa que o “sócio” indica que “se está falando, direta e plenamente, também das relações sociais” (SOUZA, 2013, p. 15-16).

religiosas, e afetivas. Elas são sempre condicionadas por uma complexidade de questões que envolvem classe, gênero, raça/etnia, faixa etária, e espaço material como o tipo de construção das casas, a presença de praças e outros lugares de encontro.

Colocamos aqui os bairros e as relações de vizinhança como exemplos de outros espaços e relações nas cidades de fronteira. Portanto, nesta parte do artigo falaremos um pouco de duas áreas periféricas de Foz do Iguaçu, o bairro Vila C e a Ocupação Bubas. Destacaremos algumas das interações e problemas vivenciados pelos moradores que nem sempre são mostrados. Procuraremos também explicitar relações de vizinhança e algumas situações de fronteira no cotidiano dos bairros abordados.

Bairro Vila C: vizinhos, cores e sabores

A Vila C é um bairro da região norte de Foz do Iguaçu construído durante as obras da Usina Hidrelétrica de Itaipu para abrigar seus operários da escala inferior, e foi planejado para ser um bairro temporário, que seria destruído após o fim das obras da usina (VICTAL e SOUZA, 2011), porém os operários e suas famílias ali se instalaram e o bairro continua até os dias atuais. Por ser um bairro periférico, a Vila C tem a sua imagem divulgada muitas vezes como um lugar perigoso. O bairro tem muitas de suas ruas esburacadas, sem calçamento para pedestre na maioria delas e alguns terrenos baldios onde se criam matagais que servem para algumas pessoas jogarem entulhos e lixo de todo tipo, que podem servir como criadouros de mosquito da dengue e outros insetos e animais peçonhentos.

Suas ruas na maioria são arborizadas, muitas das árvores são frutíferas ou de flores que trazem cores e sabores para quem passa por elas. Muitas dessas árvores estão nos terrenos das casas e acabam extrapolando os muros, que na maioria são baixos. Há pés de manga, de acerola, pitanga, banana, jaca, abacate, entre outros. Muitas casas têm em seus quintais pequenas hortas domésticas onde se plantam hortaliças, legumes e ervas variadas. Com isso, uma boa parte dos moradores trocam alimentos dessas hortas entre si, e acreditamos que em muitos casos, essa troca é o primeiro contato estabelecido na criação de relações de vizinhança.

Moramos aproximadamente três anos no bairro, e na primeira casa que vivemos tínhamos dois vizinhos: uma senhora, “Dona Madalena”, de aproximadamente 70 anos e um senhor, “Seu Tonho”, que também aparentava ter uns 70 anos de idade. Dona Madalena fez seu primeiro contato conosco nos chamando pelo muro para nos dar um cacho de banana colhido no seu quintal, o que se repetiu outras vezes, com outras coisas. Certa vez nos disse que havia visto na horta da nossa casa um pé de batata doce, e nos pediu uma quantidade para cozinhar, e que ela traria para nós experimentarmos. Seu Tonho também estabeleceu seu primeiro

contato conosco nos entregando um maço de couves frescas do seu quintal. Outras vezes nos deu cebolinha, salsinha, banana e até carne assada. Sempre nos dizia que quando quiséssemos alguma verdura, podíamos lhe pedir. Durante esses contatos com Dona Madalena e Seu Tonho, surgiam outras conversas e outras informações sobre coisas e pessoas do bairro, e assuntos variados.

Nos domingos, era realizada uma feirinha de agricultura familiar, projeto de extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), onde alguns moradores vendiam alimentos cultivados em suas hortas domésticas. Durante a semana, se ouvia vendedoras e vendedores ambulantes passando nas ruas vendendo seus produtos. Alguns eram brasileiros, uns moradores do bairro e outros não, e alguns eram paraguaios. Sabíamos de onde eram pelas coisas que vendiam e pelo sotaque da fala. Os ambulantes de nacionalidade paraguaia andavam pelas ruas a pé vendendo alho e roupa, e em seus anúncios, muitas vezes misturavam o português e o espanhol “*alho patrona?*”, “*alho, alho, alhô!*”. Havia um vendedor brasileiro que vendia alho, porém passava nas ruas de moto e anunciava “*olha o alho roxinho!*”. Em uma das ocasiões conversamos com este vendedor, e ele nos contou que o alho que vende é comprado em Puerto Iguazú na Argentina.

As vendedoras e os vendedores ambulantes paraguaios e paraguaias fazem com que o Paraguai esteja presente ali no bairro, em cada um de seus anúncios em *portuñol*, e também nas relações de compra e venda. Nos últimos meses em que moramos no bairro, começou a transitar nas ruas um vendedor de verduras que era morador do bairro. Ele passava de bicicleta anunciando “*olha a verdura!*”, “*alface, cebolinha, almeirão!*”. Às vezes, podíamos ouvir os anúncios desse vendedor brasileiro, e ao mesmo tempo, os anúncios dos ambulantes paraguaios. Esses trabalhadores e trabalhadoras se cruzavam diariamente nas ruas. Encontros cotidianos em um bairro de uma cidade de fronteira.

Ocupação Bubas: organização comunitária para o direito à cidade

Visitamos a comunidade da Ocupação Bubas em um trabalho de campo no ano de 2014. O desemprego e aumento dos aluguéis foram uns dos motivos que forçaram algumas famílias a participarem da ocupação, já que se manter pagando aluguel se tornou impossível.

Angela, de quarenta e cinco anos, moradora do Bubas, nos contou que muitas famílias que estão ali viviam nas proximidades pagando aluguel, mas, com as especulações da construção de uma segunda ponte entre Brasil e Paraguai para melhorar o trânsito de mercadorias entre os dois países, que ficaria próxima dali, fez com que os aluguéis na região comessem a aumentar. Outro morador, de

vinte e sete anos, contou que “Teve uma hora que tivemos que escolher entre pagar aluguel ou comprar comida”.

De acordo com os relatos, o terreno do empresário Francisco Bubas foi ocupado a partir do ano de 2013, e serve de moradia para muitas famílias que tiveram que sair de suas casas. No ano de 2014, de acordo com Angela, moravam na ocupação 886 famílias, a maioria de Foz do Iguaçu, mas tinha famílias de Cascavel (Paraná), do Paraguai e da Argentina.

A solução encontrada por essas famílias foi construir barracos provisórios, e continuar com a esperança de que o poder público solucionasse os problemas de moradia. É bem claro que a ocupação não conta com investimento público, pois a mesma não era reconhecida como comunidade pelo poder público da cidade. Há uma fronteira entre a cidade formal e a ocupação.

Uma reclamação das famílias que ali moram é que a população não podia ser atendida nos postos de saúde, nem podia chamar ambulância para alguma emergência, já que não tinha como comprovar residência fixa, e desse modo, era tratada como se não existisse. Somente após a população se manifestar na mídia por seus direitos, pelo fato de um senhor da ocupação ter falecido por terem negado atendimento a ele por não possuir endereço, que a ambulância passou a atender casos a população da ocupação.

A organização da ocupação e a construção das casas foram feitas pelos próprios moradores. Segundo moradores que conversamos, as casas que tinham energia elétrica eram resultados de “gatos” feitos pelos moradores, e a água encanada também. Não raro, encontramos canos e fios de alta tensão espalhados por vários locais da ocupação. O saneamento básico é ausente. A manutenção da ocupação é feita pelos moradores, inclusive a abertura das ruas.

Imagem 3. Rua na Ocupação Bubas



Fonte: Registro nosso, 2014.

Os moradores mantêm uma organização na ocupação que é separada por blocos. Na ocasião existiam três coordenadores, e cada coordenador era responsável por dois blocos, onde faziam chamadas para terem controle de quantas famílias entravam e saíam da ocupação. De acordo com Angela, eram realizadas reuniões regulares com os moradores para manter a organização da coletividade. Segundo ela, é prejudicial se alguém não cumpre com as responsabilidades na ocupação, pois prejudica a todos. Ela nos deu um exemplo de que se alguém se envolve com algo ilícito ou com o crime na ocupação, isso pode trazer problemas para a legitimação da luta da comunidade, favorecendo estereótipos que prejudicam ainda mais a imagem da ocupação. Essa organização e união são o que os mantem ali.

Considerações finais

Buscamos por meio de nossas experiências e coleta de dados em trabalho de campo, explicitar outros espaços, outras práticas e outras narrativas que (re) produzem cotidianamente as cidades da Tríplice Fronteira. Entendemos que as experiências empíricas são de fundamental importância para entender os entremeios desse processo, pois nos oferecem outras perspectivas para a apreensão da realidade.

A partir das interações explicitadas, se revela um cotidiano marcado por complexas interações socioculturais, onde a fronteira é acionada pelas estratégias de seus moradores, seja para trabalhar, comprar mais barato, conhecer lugares, pessoas, comidas e coisas diferentes, e para sobreviver. Essas variadas micro-relações cotidianas reproduzem a vida e reproduzem também a fronteira em um vibrante processo de transfronteirização onde as práticas sociais não obedecem aos limites impostos.

Com isso, salientamos a necessidade de pensarmos esse processo a partir dos bairros, dos lugares vividos, que são múltiplos, onde a fronteira é apropriada e praticada pelos sujeitos. Esses outros espaços nos oferecem outros olhares da (re) produção da fronteira, que podem contribuir significativamente para o avanço dos estudos fronteiriços.

Abordar esses outros espaços é também uma necessidade política. Um olhar cotidiano nos mostra que a fronteira é lugar de existência, resistência, e de solidariedade, onde os sujeitos por meio de suas práticas e estratégias cotidianas buscam assegurar sua sobrevivência. Nesse sentido, como salientam Moura e Cardoso (2006), é importante pensarmos essas práticas e mobilidades para reforçar a emergência de formular políticas públicas integradoras que tenham em conta as particularidades da população da fronteira.

Referências

- ALBUQUERQUE, J. L. C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014, p. 53-73.
- CARNEIRO, Camilo Pereira. *Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata*. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.
- GARCIA, Dalila Tavares. *Almacenes paraguaios: interações espaciais e relações de sociabilidade*. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Geografia (Bacharelado). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson Ari. Mobilidade transfronteiriça: entre o diverso e o efêmero. *Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano* – Renato Balhim; Cleandro Krause; Clarisse Cunha Linke (Org.). Brasília: IPEA: ITDP, 2016, p. 205-222.
- NAME, Leonardo dos Passos Miranda. Prefácio: O Trabalho de Campo num Mundo Saturado de Informações. In: (Org.) ANDRÉ, André Luís e FERRO, Silvia Lilian. *Globalização, Regionalização e as Novas Ruralidades!* 1. ed. Brasil, 2017.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)caminhos da identidade (Etnicidade e multiculturalismo). In: _____. *Caminhos da Identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006, cap. 3.
- RODRIGUES, Luiz Felipe. “Olha o alho!” *A cidade de fronteira nos passos do sujeito*. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia (Bacharelado). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.
- SILVA, Susana Maria Veleda da. O comércio de rua: lugar de trabalho e de relações familiares. *A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço*. Álvaro Luiz Heidrich et al. (Org.). Canoas: Editora ULBRA; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 215-224.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- VICTAL, Jane; SOUZA, Adelita Araujo de. A urbanização de fronteira e as relações latino-americanas: estudo de caso das Vilas de Itaipu. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.13, n.1, maio de 2011, p. 75-89.